

MODELOS URBANÍSTICOS MODERNOS E PARQUES URBANOS:
AS RELAÇÕES ENTRE URBANISMO E PAISAGISMO EM SÃO PAULO NA
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

FABIANO LEMES DE OLIVEIRA

TESE DE DOUTORADO

ORIENTADOR:

PROF. DR. JOSEP MARIA MONTANER

DOCTORADO EN TEORÍA E HISTORIA DE LA ARQUITECTURA
DEPARTAMENTO DE COMPOSICIÓN ARQUITECTÓNICA
UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE CATALUNYA - UPC

Março
2008

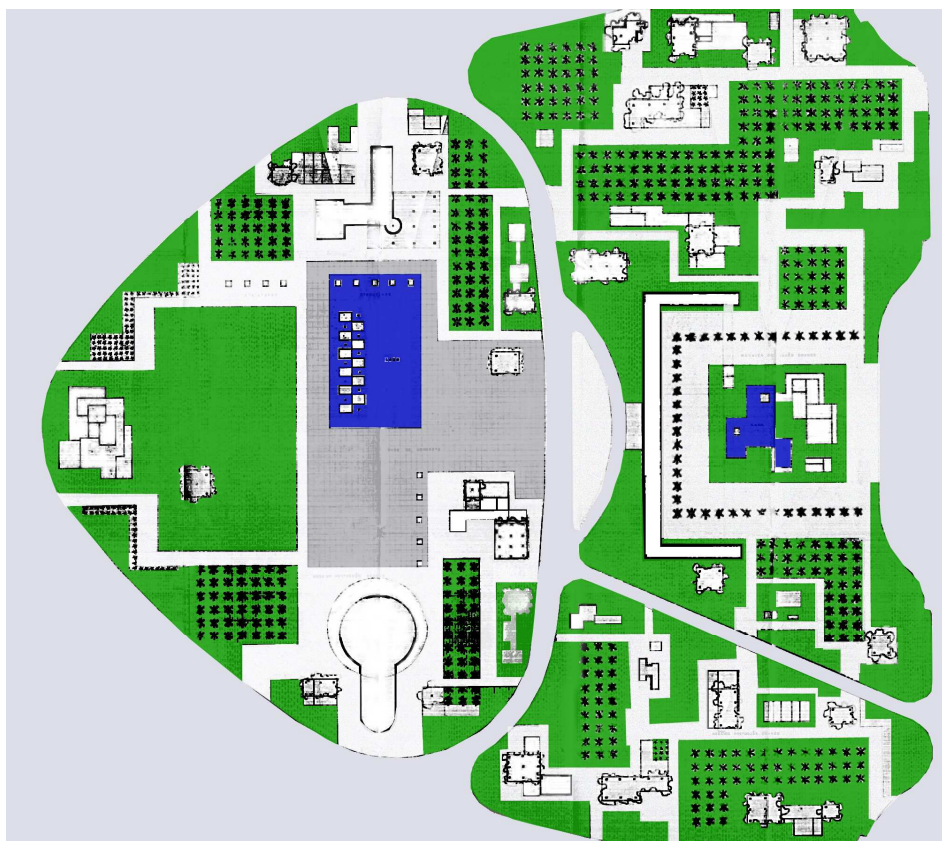


fig 66 - Projeto de Burle Marx para o Centro Cívico da Cidade Universitária da USP, 1953.

Aplicação de cor nossa em função das indicações presentes no desenho original.

Fonte: Setor de Projetos da FAUUSP.

A quadra em que interveio tratava-se da primeira porção de terreno tocando o ponto de bifurcação da avenida de entrada, logo após a torre universitária (que não aparece no desenho acima). A área é dividida em duas por uma via que a cruza em frente à reitoria e toda a composição se organiza geometricamente a partir de amplos gramados, desenhos de piso, espelhos d'água, passeios, canteiros e agrupamentos de palmeiras. À esquerda Burle Marx mantém a implantação dos edifícios e da torre, estabelecidos por Levi, bem como ratifica a criação de um espelho d'água e de esplanada em frente à reitoria. Neste local, previu a implantação de duas linhas de estátuas, uma nas proximidades da biblioteca e outra nas imediações do auditório. Cada edifício apresenta tratamento paisagístico em seu entorno imediato, configurando praças menores demarcadas por grupos de palmeiras e articuladas entre si pela esplanada central. Atrás da reitoria, projeta outra praça (fig 67) a partir dos mesmos elementos: canteiros, caminhos, espelho d'água e grupos de palmeiras dispostos em formas retangulares; que também qualificam os outros espaços do redor. Portanto, para os grandes blocos de edifícios a serem implantados no local, Burle Marx busca articular um conjunto de praças (fig 68) em que pudessem relacionar-se, mantendo-se do mesmo modo suas individualidades formais. Tal como viria a utilizar nos jardins do MAM no Rio de Janeiro, as

formas geométrico-abstratas dominam a composição e os principais elementos vegetais são as palmeiras, que aparecem notadamente em grupos definindo perspectivas, criando planos de fundo e limites visuais.

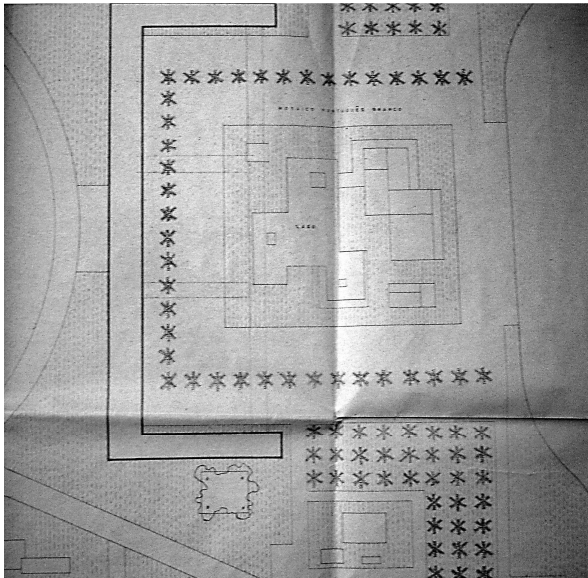
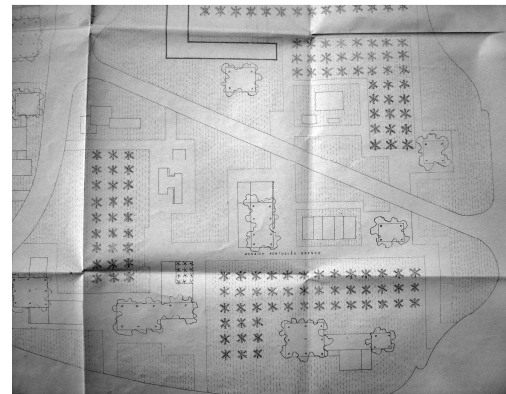


fig 67 - Praça atrás da Reitoria.
Fonte: Setor de Projetos da FAUUSP.

fig 68 - Praça ao norte da Reitoria.
Fonte: Setor de Projetos da FAUUSP.



Como analisado por Oliveira,⁸⁵ o projeto de Burle Marx para o parque do Ibirapuera representou um ponto de inflexão em sua obra tanto para a ampliação da escala de projeto enfrentando-se então à criação de um grande parque metropolitano, como em relação à geometrização formal que passa a se verificar em sua obra a partir dos anos 50. Vemos que também seu projeto para a Cidade Universidade reforça esta aproximação às formas regulares.

A geometrização formal dos canteiros, pisos e disposição das palmeiras no projeto para a Cidade Universitária da USP se deve entender na análise de sua trajetória e marca distância com os projetos amebóides dos anos 30, como os jardins do MES, e das combinações formais entre desenhos curvilíneos e regulares característicos dos anos imediatamente anteriores ao projeto para a Cidade Universitária da USP. Do mesmo modo como discutimos, no seu projeto para o Parque do Ibirapuera já apresentara, maiormente nos jardins próximos aos edifícios principais, composições geométricas claramente diferenciadas dos canteiros e traçados serpenteantes de outras partes do estudo o que se veria posteriormente acentuado em seu projeto para o Parque do Flamengo. Importa notar que não abandona as formas sinuosas, mas desloca seu interesse pela criação de formas regulares, especialmente em entornos edificados.⁸⁶ Entretanto, cabe ressaltar que, ao contrário do que a historiografia sobre sua obra usualmente explica, esta maior geometrização das formas não se inicia com o referido parque carioca, mas sim toma corpo em

São Paulo com os projetos para o Parque do Ibirapuera e, de modo mais intenso, no projeto para o centro cívico da Cidade Universitária da USP. Neste projeto em que os edifícios laminares são inseridos em um grande parque basicamente estruturado a partir das premissas corbusianas da *Ville Verte* - com vastas áreas gramadas, farta arborização e desenho de caminhos – o espaço livre é tratado de modo genérico. O centro cívico, em contrapartida, é a única área a que se dedica um projeto paisagístico específico e deve-se notar que as formas geométricas aí dispostas tratavam de criar espaços para grandes públicos e relacionar os seus principais edifícios, conectando-os também com as demais áreas do projeto urbanístico.

A criação de parques em cenários metropolitanos casa, na obra de Burle Marx, com a eleição de formas regulares para os jardins próximos a edifícios; que por um lado responde a uma maior aproximação ao neoconcretismo vigente no cenário artístico nacional e, por outro, como forma de relacionar os edifícios e a paisagem, o parque à cidade.

Ainda em relação ao projeto urbanístico de 1954, interessa-nos detalhar como a idéia de parque presente na Comissão foi apresentada. Da mesma forma como vínhamos demonstrando em relação a outros urbanistas em São Paulo desde os anos 10, novamente aprecia-se o reconhecimento do papel do urbanismo inglês e alemão na inserção de áreas de parques nos planos para as cidades desde o século XIX, bem como se referem também aos Estados Unidos:

Os anglo-germânicos são urbanistas por nascimento. Caracterizam suas cidades por amplas avenidas, grandes praças e primorosos jardins. Evidenciam-se no conjunto, como nota dominante, os parques bem tratados e extensos. (...)

Os Estados Unidos, colonizados pelos pioneiros ingleses, beneficiaram-se dessa tendência inata e utilíssima dos ilhéus britânicos. Realmente, as cidades norte-americanas se orgulham do número e área de seus parques. É tema de competição e ardor regionalista. (...) Suas universidades se implantam em parques ou anseiam por tal privilégio.⁸⁷

Depois de tecer comentários sobre a relação entre parques e universidade e de lamentar a falta de espaços verdes em São Paulo, Campos reforça a concepção da cidade universitária como grande parque público, em que educação, pesquisa, arte, cultura, lazer e esporte se comungariam em meio ao verde. Como um “oásis” emergindo da densidade cinzenta da capital paulista, assim o descreve:

A Comissão da Cidade Universitária está compondo magnífico parque no *campus* Butantã.

Imaginem, uma área de 200 alqueires, rica composição de árvores e arbustos, uns floridos e outros com frutos nutritivos para os pássaros; grandes renques de palmeiras ou coqueiros, somando cerca de mil exemplares; considerável jardim botânico natural, horto experimental e viveiro de plantas; lindos espelhos d'água, estudados para os melhores efeitos; cortado o conjunto por avenidas, ruas, alamedas, com suas guias, passeios e pavimentação; árvores de rápido crescimento ao lado de outras de formação lenta (...), extenso setor de esporte com todas as possibilidades para treinamentos, jogos e atletismo; ainda um lago de dois quilômetros para regatas e natação, ornado marginalmente com salgueiros, bambuais e hortências. (...)

Não será um parque vazio, monótono, silencioso. Ao contrário: será freqüentado pela mocidade estudiosa, transitando em busca dos seus setores escolares ou do campo esportivo.⁸⁸

Além dos espelhos d'água do centro cívico, comenta acerca do extenso lago proposto inicialmente por Anhaia Mello, situado paralelo à avenida marginal do rio Pinheiros, com dois quilômetros de extensão e largura de 30 metros, e criado a partir de dois ribeirões, um em cada uma de suas extremidades. Seria integrante da zona esportiva e utilizado para a prática de esportes náuticos. Novamente, o esporte aparece como uma das principais atividades do homem moderno e espaços para a sua prática deveriam ser previstos no mesmo grau de importância das disciplinas formativas universitárias. Propôs-se que se localizasse logo à entrada, o que facilitaria seu uso também por pessoas de fora da universidade, e vizinho ao alojamento estudantil, o que incentivaria os estudantes a afluir ao setor. Foi projetado, por Ícaro de Castro Mello, um amplo leque de equipamentos desportivos, incluindo um estádio olímpico, hipódromo, quadras, piscinas, pista de atletismo, dentre outros. Recrear “o corpo e o espírito”, era uma das quatro epístolas defendidas, e se materializa nas diversas áreas verdes e esportivas projetadas.

Assim, na estruturação da idéia de Universidade-Parque proposta confluíram a atenção ao processo histórico de inclusão de parques nos projetos urbanísticos para cidades inglesas, alemãs e estadunidenses desde o século XIX e, mais especificamente, as referências do urbanismo modernista da Cidade Radiante, tensionado em seu centro pelo paisagismo vibrante de Burle Marx. Dito de outro modo, o parque é configurado como grande área verde abstrata, de gramados e árvores, em que os grandes edifícios modernistas apareceriam de modo disperso,⁸⁹ onde o esporte seria uma das principais atividades de lazer e cujo centro cívico apresentava especial destaque.

O plano geral apresentado por Campos em 1954 incluía a proposta de Burle Marx para o centro cívico, com pequenas alterações na praça da reitoria. Em 1956, Hélio Duarte sugeriria sua remodelação no sentido de incluir mais edifícios e atividades sociais, e em 1962 Oswaldo Bratke proporá um novo projeto, sendo o estudo do paisagista abandonado definitivamente.

Em 1956, a Comissão da Cidade Universitária aprova o “replanejamento” proposto por Hélio Duarte, que assumira a Direção técnica de Engenharia e Arquitetura da Comissão. Este se referia tanto às instâncias da universidade e órgãos administrativos, como de zoneamento e readequação do projeto. Duarte afirmara então que se manteria a preocupação em se criar “*o maior centro cultural de São Paulo*” e, mais especificamente: “*um organismo físico, moral e pedagógico, materialmente auto-suficiente na medida do possível, capaz de, em clima de convivência e compreensão, provocar todos os processos de conhecimento, dando-lhes destino social*”.⁹⁰

O arquiteto, que coordenara a Comissão Executiva do Convênio Escolar, ao enfrentar o problema de reestruturar o projeto da cidade universitária da USP, também se atém a soluções corbusianas já trabalhadas pela Comissão, tanto na revisão do viário, (fig 69-70) como nos projetos para o setor residencial estudantil e para o centro cívico. Em relação à reformulação viária, simplifica o traçado prévio, tornando as comunicações mais diretas, e opta, ao contrário da anterior, por traçados retilíneos na face mais próxima ao Pinheiros, de topografia basicamente plana, o que repercute na forma do centro cívico. As revisões da arquitetura e do urbanismo modernos no pós-guerra, já mencionadas, e em específico as postulações do oitavo CIAM, de Hoddesdon, realizado em 1951, cujo tema foi “*The Heart of The City*”, (fig 71) tiveram profundo impacto na nova solução para o centro cívico da USP. (fig 72) Além dessa função, deveria também ser o principal espaço de convívio social. Mantêm-se a reitoria, a biblioteca central e a “Aula Magna”; e inserem-se outros edifícios destinados prioritariamente a incentivar as trocas sociais, como: centros estudantis, hotel, restaurante, bar, cinema, etc.

Por conseguinte, as propostas de Duarte para o centro cívico se pautam em parte no estudo prévio de Rino Levi (como se vê por exemplo na adoção de volumetria muito similar para o auditório e na manutenção do eixo *parkway*-torre-reitoria e do espelho d’água), embora proponha-lhe alterações significativas, ignorando, por exemplo, o projeto de Burle Marx. Dentre outras, podemos mencionar, do mesmo modo: a nova forma retangular da praça, à diferença da anterior, ovalada; a maior quantidade e complexidade volumétrica dos edifícios, a maior

articulação entre eles – através de passagens cobertas- e de uma gama mais variada de atividades.

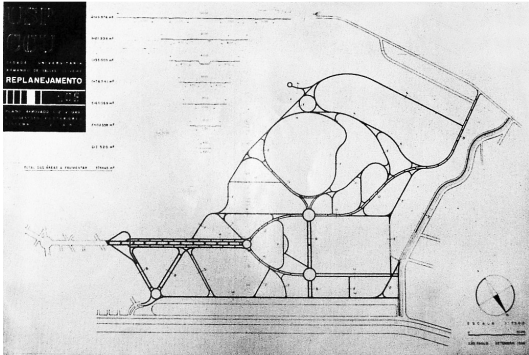


fig 69 – Sistema viário da Cidade Universitária antes da proposta de Duarte.
Fonte: DUARTE. 1956.

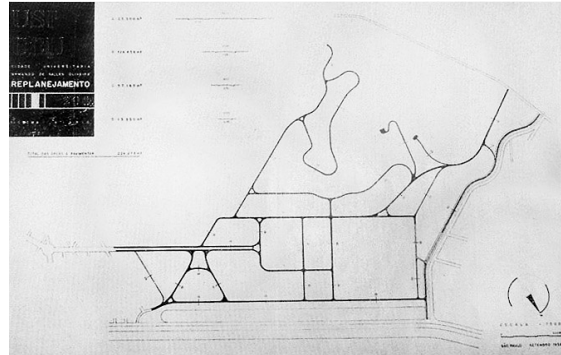


fig 70 - Reformulação do sistema viário da Cidade Universitária. Hélio Duarte, 1956.
Fonte: DUARTE. 1956.

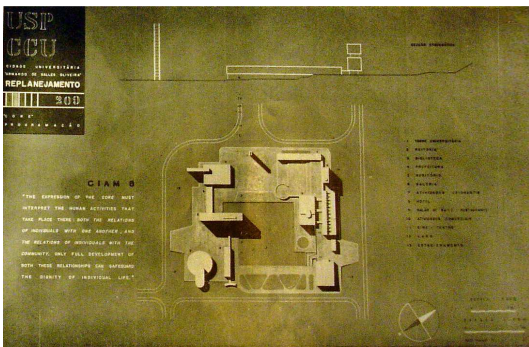


fig 71 - Planta de situação do centro cívico da Cidade Universitária. Hélio Duarte, 1956.
Note-se a menção ao CIAM 8 (à esquerda)
Fonte: DUARTE. 1956.



fig 72 - Perspectiva do centro cívico da Cidade Universitária. Hélio Duarte, 1956.
Fonte: DUARTE. 1956.

Não se tratava, como bem disse Duarte, de um projeto fechado, mas de um conjunto de idéias. A construção do campus se prolonga durante os anos com variadas alterações no projeto, incluindo um novo estudo realizado por Oswaldo Bratke, em 1962, para o *core*. Nenhum deles se completa integralmente e as sucessivas mudanças no projeto geral resultarão em uma nova configuração urbanística na qual a idéia do centro cívico esmorece.

Importa frisar que a cidade universitária e o parque do Ibirapuera já haviam sido pensados em décadas anteriores a suas realizações, concretamente desde a década de 30, e foram objetos de inúmeras propostas projetuais caracterizadas por opções de linguagens por vezes diametralmente opostas, sendo finalmente iniciadas sua construção ao mesmo tempo nos anos 50. Há semelhanças consideráveis nos processos e na realização desses elementos urbanos. Os partidos projetuais apresentados na história dos projetos para essas áreas conferem um

repertório de referências arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas que representam uma amostra bastante precisa do conjunto de discussões e de concepções de modernidade que circulavam no meio profissional e no ideário popular. A Cidade Universitária como microcosmo da cidade moderna e o Parque do Ibirapuera como grande parque metropolitano se apresentaram como dois eventos característicos dos processos de construção de uma São Paulo cosmopolita, em que crescimento material se pensava a par da formação cultural, artística e cívica. O campus do Butantã era a possibilidade de exemplificar a partir do nada, de criar um espaço moderno representativo e simbólico dos anseios de modernidade de determinados grupos. Em ambos se lêem os esforços de pensar uma cidade moderna, em que o parque seja o palco material dos eventos, continente de uma nova sociabilidade e de uma nova urbe.

5.6 O PARQUE NÁUTICO, 1955.

O Parque Náutico, tantas vezes citado pelos urbanistas locais, é talvez o que mais tenha aparecido nos discursos urbanísticos e nos planos para São Paulo até os anos 50. A recorrência histórica em menções ao longo das décadas, infelizmente não ultrapassou o plano das idéias e este parque nunca veio a ser construído.

Em 1956, José de Mello Balthazar, Diretor do Departamento de Serviços Municipais da Prefeitura, publicara um artigo em que justamente argumentava a favor de sua construção e apresentava o anteprojeto de Lysandro Pereira da Silva para a “Cidade Náutica”, (fig 73) aprovado pela Câmara Municipal através da lei 4.979, de 1955.⁹¹ Não se encontraram menções a este parque em textos e estudos posteriores, com o que esta parece ser uma das últimas defesas que se faz da sua construção. A obra que, como tratamos com anterioridade, havia sido proposta desde os primeiros estudos de regularização do rio Tietê; nos anos 50, com a expansão urbana verificada, não se situaria distante de áreas ocupadas, mas sim em região de franco crescimento, a poucos quilômetros do centro, nas proximidades da rodovia Presidente Dutra (Rio-São Paulo), emoldurando tanto a entrada pelo norte à cidade, como a chegada desde o leste. Se no momento dos primeiros projetos já se faziam intensas escavações na área para realizar as compensações de terra necessárias à regularização das várzeas, na metade do século XX estas se haviam intensificado e o tamanho das lagoas criadas, de acordo com Balthazar, criaria sérios empecilhos econômicos se se optasse por aterrá-las. Outras obras estruturavam ainda um cenário local distinto, como a construção das marginais, a sua conexão à rodovia Dutra e o distanciamento verificado dos clubes náuticos do entorno do leito fluvial.

Em relação aos clubes existentes com tradicionais atividades náuticas (o C.R.Tietê, E.C. Floresta e A.A. São Paulo), previa-se que se deslocassem do Bom Retiro, na margem esquerda do rio, para o Parque Náutico, o que por um lado facilitaria as intervenções públicas de ordenamento das marginais no local e por outro proporcionaria aos clubes local adequado para as práticas que promoviam. O Parque Náutico seria então opção adequada para reordenar a área das crateras alagadiças, em termos de saneamento, de promoção de área de recreação fluvial e de urbanização do bairro, bem como a dos clubes privados, garantindo a boa realização das obras na faixa marginal do rio e a criação de um espaço belo que enquadraria a entrada na cidade pelos setores norte e nordeste.

Em caráter de estudo preliminar, a proposta se constitui de um grande lago de 820.000 m², cercado por uma via de 40m de largura; de três áreas para os clubes de regata mencionados e de outros locais para uso público. Previram-se quatro entradas principais: pela Avenida Cruzeiro do Sul, pelo bairro do Carandiru, pela avenida marginal e outra no limite com a Vila Maria (também com conexão à marginal).

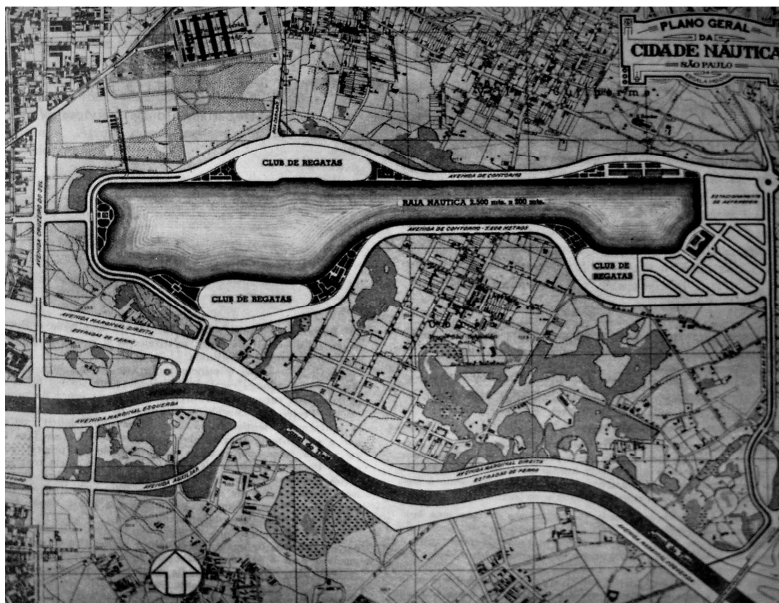


fig 73 - Projeto de Lysandro Pereira da Silva para a Cidade Náutica, 1955.

Fonte: BALTHAZAR. 1956, p.32

A poluição do Tietê e a impossibilidade de nado e prática de esportes no rio já naqueles idos era tema deveras discutido, sendo, portanto, uma das principais preocupações na criação do lago do Parque Náutico, que suas águas fossem puras. A avenida que o rodearia garantiria sua distância das residências do entorno e o não despejo de esgoto, a criação de peixes se faria possível e, por sua vez, colaboraria para combater a proliferação de mosquitos. Nele se previu uma raia de 2.500 m de comprimento e de 200 m de largura que estariam à disposição dos clubes

mencionados para que pudessem realizar suas atividades em águas tranquilas e limpas. Destacamos, portanto, que o seu desenho, o núcleo central deste parque, não se fez de forma aleatória a partir de critérios paisagísticos estéticos, mas se adapta a requisitos esportivos específicos. Rogava, Balthazar, aos poderes públicos que considerassem tal iniciativa, que beneficiaria os usuários destes clubes, mas ainda outros tantos paulistanos:

Cem mil indivíduos, ou mais, membros da população urbana, procuram nas sedes dessas associações horas de lazer sadio, quando mais não seja pelo fato de se passarem ao ar livre, em ambiente repousante, e em convívio social interessante; para quem considera a tendência moderna de os Poderes Públicos protegerem e estimularem os esportes em geral, é difícil conceber uma atuação desses mesmos Poderes mais acertada do que a de dedicar atenção a esses clubes amadoristas de tão elevado interesse social.⁹²

Reforçando sua importância sanitária, urbanística, paisagística e para o esporte na cidade, alerta ainda para o fato de que o desenho da área deva ser pensado de tal modo que boa parte seja de acesso público e que os projetos para os clubes e os limites com a área de uso comum sejam pensados de modo a criar uma paisagem harmônica e contínua, concluindo que: *“a imaginação dos nossos urbanistas e arquitetos paisagistas saberá tirar do conjunto o melhor partido, com o que o projeto, apenas delineado, terá desenvolvimento para uma solução feliz e rica de atrativos.”*⁹³

O diretor do Departamento de Serviços Públicos em seu texto já comentava as dificuldades que vinham se dando de convencer os setores sociais que seriam afetados pela proposta *“em cooperar”* para que a iniciativa viesse a se concretizar, mas reforçava sua esperança de que pudesse ser construído como parte das obras de regularização dos rios Tietê e Pinheiros, concluindo que:

A construção do Parque Náutico é oportuna e indispensável primeiramente porque completa o saneamento e urbanização, como é do intuito da obra geral em vias de acabamento; e depois, porque permite dotar a cidade da almejada pista náutica, satisfazendo a um interesse peculiar de uma parte da população (...)

Sua realização trará com certeza o aplauso público e mais um motivo de engrandecimento da cidade que tanto nos orgulha.⁹⁴

Entramado nos vieses políticos e na avidez da especulação imobiliária, o parque acabou não sendo realizado e passa a ser desconsiderado já nos estudos para a criação de um Plano Diretor para a cidade. Prontamente chegou o fim de um parque que nunca existiu.